

Necropsicopolítica: os impactos sensoriais da violência racial midiatizada em espectadores negros

Marcelo de Jesus Lima¹

Recebido em março de 2023
Aceito em junho de 2023

RESUMO

Qual o impacto de cenas de violência racial midiatizada, como o assassinato de George Floyd, nas pessoas negras espectadoras? A partir de uma experiência como espectador de uma cena de violência racial midiatizada, cunhei o conceito de necropsicopolítica, a união entre a política da produção da morte de pessoas negras e o poder estético violento que tais imagens geram nos espectadores negros. Por meio de entrevistas em profundidade com pessoas negras, objetivo extraír dados subjetivos e averiguar a aplicabilidade empírica da necropsicopolítica. Através da redução sociológica e do *niger sum* de Guerreiro Ramos, realizo uma sociologia negra mediante a reflexão sociológica que parte das experiências negras compartilhadas, evidenciando minha experiência como um sujeito sociológico negro, juntamente com as experiências das pessoas entrevistadas. A sociologia visual é utilizada como método, somada à redução sociológica / *niger sum*, para analisar criticamente a experiência visualizada dos sujeitos em questão. Os resultados obtidos demonstram a aplicabilidade da necropsicopolítica, evidenciando uma triangulação potencialmente traumática para espectadores negros entre o corpo material vítima da necropolítica e a experiência visual corporalizada do espectador negro atravessado pelo poder estético da midiatização da violência antinegra.

Palavras chaves: Necropsicopolítica; Sociologia negra; Sociologia visual; Violência racial midiatizada.

Necropsychopolitics: the sensorial impacts of mediatized racial violence on black spectators

ABSTRACT

What is the impact of mediated racial violence scenes, such as the murder of George Floyd, on black audiences? Based on my own experience as a viewer of a mediated racial violence scene, I developed the concept of necropsychopolitics, which captures the union of the politics of the production of black death and the violent aesthetic power that these images exert in black audiences. To assess the empirical validity of this concept, I have conducted in-depth interviews with Black people, aiming to extract subjective data and test the applicability of necropsychopolitics. Employing sociological reduction and the *niger sum* of Guerreiro Ramos, I engage in black sociology through reflecting on shared Black experiences, highlighting both my own experience as a Black sociological subject and those of the interviewees. Visual sociology is used as a method, along with sociological reduction / *niger sum*, to critically analyze the visual experience of the subjects in question. The findings reveal that necropsychopolitics is applicable and that there is a potentially traumatic triangulation between the material body that is a victim of necropolitics, the embodied visual experience of the Black audiences, and the aesthetic power of mediated anti-Black violence.

¹ Professor de sociologia (SED / MS), Mestre em Estudos Culturais (UFMS) e doutorando em Ciências Sociais (UNESP / FFC). Email: marcelo.jesus@unesp.br. Campo Grande (MS), Brasil.

Keywords: Necropsychopolitics; Black sociology; Visual sociology; Mediatized racial violence.

Introdução

Na noite de 19 de novembro de 2020, deparo-me com a notícia de que João Alberto Silveira Freitas foi espancado até a morte por dois seguranças brancos em um supermercado Carrefour na cidade de Porto Alegre. O assassinato ocorreu no estacionamento da loja e foi filmado. As imagens de um corpo negro agredido até a morte rapidamente circularam pelas redes sociais e canais televisivos. Após ver a notícia, pensei: amanhã vai ser uma merda!

O dia 20 de novembro foi uma merda, já que a liquidação de João Freitas nos lembrou o inesquecível: que a carne mais barata do mercado é a carne negra. A cena de sua morte foi invadindo nossos olhos, nossos ouvidos, chegou sem pedir licença. Sua cena também invadiu minha filha, com seus recém-completos três anos. Ao ver a cena na TV, ela percebeu a dor que aquele corpo sentia e disse: vou chamar o Doutor Urso Marrom².

Ela captou um corpo em estado de dor, uma dor provocada por outras pessoas. Se você é uma pessoa negra e é pai, mãe ou responsável por uma criança negra, pode imaginar o drama da situação. Como será quando ela perceber que aquele corpo foi violentado por ter a cor de seu pai? E quando ela perceber que ela viu um homem negro morrer? Ao testemunhar essa ocasião, vieram-me sensações já descritas por Fanon, como a náusea, a tremedeira, a impotência.

A partir desta experiência, comecei a me questionar. Quais os efeitos dessas cenas de violência racial midiatizada nas pessoas negras? Quais sensações elas causam? Como elas contribuem para a construção da subjetividade das pessoas negras e suas percepções sobre si? Como tais imagens moldam nossas relações com o mundo? Como elas constroem a nossa corporeidade? Aquelas imagens me agrediram. Era necessário pensar sobre elas. Racionalizei a dor e criei o conceito de necropsicopolítica.

² Personagem médico do desenho animado *Peppa Pig*.

Em relação ao método, foram utilizados cinco campos teórico-conceituais de abordagens para lidar com o problema proposto. São eles: a redução sociológica (RAMOS, 1996); o *niger sum* (RAMOS, 1995); a sociologia visual (CUSICANQUI, 2021; MARTINS, 2022); a necropolítica (MBEMBE, 2017) e a psicopolítica (HAN, 2018). Essas são as ferramentas epistemológicas que utilizei para racionalizar a experiência anteriormente mencionada e chegar na conceituação de necropsicopolítica.

A necropsicopolítica é uma abstração de uma experiência pela qual eu passei. No entanto, percebi a necessidade de construir este conceito porque esta experiência não era particularmente minha, mas compartilhada com outras pessoas negras. Tendo em vista que cabe à ciência a completa inteligibilidade do Universo e da vasta experiência humana, eu não poderia deixar passar em branco este evento. Como diz Guerreiro Ramos (1995), toda pessoa é um ser em situação, um ser historicamente construído. O eu como um sujeito pensante e o objeto de análise se juntam em um mesmo fenômeno. O fazer sociológico que proponho aqui parte de uma perspectiva negra, já que a necropsicopolítica é fruto da experiência comunitária de um sociólogo negro.

Metodologicamente, a necropsicopolítica é originada tendo como fonte inspiradora o que Guerreiro Ramos (1996) define como a redução sociológica, ou seja, a transposição crítica de conhecimentos e experiências de uma perspectiva para a outra. É um caso de assimilação crítica do conhecimento que parte da minha experiência comunitária como uma pessoa negra e busca construir um conhecimento a partir de tal condição. Para Ramos, o sociólogo é um ser encarnado. A minha carne é vista pelo mundo como uma carne negra. Não tenho as condições de fechar os olhos nesta situação. Por isso, o meu fazer sociológico faz parte do exercício de uma redução sociológica e de uma apropriação do *niger sum* guerreiriano.

Sou negro, identifico como meu o corpo em que o meu eu está inserido, atribuo à sua cor a suscetibilidade de ser valorizada esteticamente e considera a minha condição étnica como um do suporte do meu orgulho pessoal - eis aí todo propedêutica sociológica, todo um ponto de partida para a elaboração de uma hermenêutica da situação do negro no Brasil (RAMOS, 1995, p. 199).

A necropsicopolítica é forjada a partir da redução sociológica (assimilação crítica do conhecimento) e do *niger sum*. É um conceito formado nas experiências negras

em um país racista. Sigo o pensamento de Ramos (1995) e vejo o *negro* a partir da realidade efetiva de sua vida, a partir de nossas experiências compartilhadas e me posicionando como um sujeito sociológico negro. A apropriação da proposta de *niger sum* que faço não tem como preocupação a valorização estética, mas parte da constatação óbvia que sou um homem negro e isso faz parte da minha condição existencial enquanto um pesquisador.

Outro método utilizado aqui é a sociologia visual. A socióloga aimara Silvia Cusicanqui (2021) considera que a cultura visual colabora para a compreensão do social, por meio das experiências vividas e visualizadas. As imagens possuem um poder de descobrir o que a palavra oculta. As imagens podem tirar o véu daquilo que as palavras do colonialismo buscam esconder. Por isso a sua preocupação é realizar uma teoria iconográfica da situação colonial.

Como técnica de abordagem, utilizei de entrevistas abertas em profundidade com o objetivo de construir um conhecimento sociológico compartilhado com as pessoas entrevistadas e realizar uma coleta de dados subjetivos (MINAYO, 2019). Entrevistei duas pessoas negras (Daniele e Gustavo)³, buscando acessar suas experiências visualizadas diante das imagens de violência racial midiatisada. Com as entrevistas, procurei entender como tais imagens afetaram estas pessoas, quais sensações elas causaram e como as suas subjetividades e relações com o mundo são formadas no atravessamento dessas imagens.

O roteiro da entrevista é dividido em três perguntas. A primeira pergunta é: *qual a sua história?* A motivação central desta pergunta inicial se baseia no que Collins (2019) denomina de ética do cuidar. Tal ética prioriza que a pessoa entrevistada conte a sua história, expondo suas experiências, emoções e suas auto-definições. Ao se auto-definir, o interlocutor intersecciona a pesquisa em seus próprios termos, definindo os marcadores sociais com que se identifica. A ética do cuidar também se associa ao que Grada Kilomba (2019) chama de pesquisa centrada em sujeitos, em que por meio de uma entrevista não diretiva, o sujeito com quem dialogo faz uma narrativa bibliográfica e expõe as suas próprias experiências e auto-percepções.

³ Os nomes são fictícios, visando preservar o anonimato das pessoas entrevistadas. Suas falas são indicadas pelas letras iniciais de seus nomes (D e G). Quando a fala for de minha autoria, ela é indicada com a letra M.

Daniele se define da seguinte forma:

[D] *Eu sou uma mulher negra. Me identifico como uma mulher negra. Ainda estou em dúvidas se me identifico como heterosexual ou bisexual, ainda estou num processo. Eu venho de uma família... não é uma família tão humilde, mas nós também não somos tão abastados. (...) Agora nessa nova geração quase todos os meus primos são formados na universidade, nessa faixa etária de 20, 25 anos que eu tô. Mas os mais velhos de 30 pra frente, eles não tiveram acesso à universidade. Então geralmente eles são empreendedores ou fizeram uma universidade assim, muito tempo depois. Todos nós somos pretos. Maioria dos meus tios casaram com mulheres pretas. Ou né, as mulheres também casaram com homens pretos. E todos nós somos assim.*

Por sua vez, Gustavo se define como:

[G] *Tenho 29 anos, sou formado em Física, né? Gosto de ciências desde que eu me entendo por criança. Não... não sou de uma família com... abastada, né? Minha mãe sempre foi empregada doméstica, ela continua sendo empregada doméstica. E um caminho que eu vi na vida foi estudar, foi entender as coisas. E eu sempre gostei por esse caminho porque eu sabia que conseguia dar um pouquinho melhor pra minha mãe. Hoje eu acho que de fato, com essa parte, eu consigo financeiramente ajudá-la mais do que eu poderia se fosse, talvez, por outro caminho. Então acho que, mais ou menos, um pouco de mim é isso. É entender do que eu gosto e do porquê eu gosto e do que eu pretendo quem ajudar. Acho que é mais ou menos isso.*

A segunda pergunta é: *quais suas experiências vividas como uma pessoa negra?* Esta pergunta é o espaço triangular entre a redução sociológica, o *niger sum* e o que Danièle Voldman (2006) chama de invenção das fontes. Inventar essas fontes através da reivindicação das testemunhas negras sobre suas diversas experiências são fundamentais para que ocorra qualquer processo de redução, de assimilação crítica do conhecimento para as experiências localizadas que busco evidenciar, no caso, as experiências de um *niger sum* compartilhadas entre mim e meus interlocutores.

A terceira pergunta é: *o que você sente ao ver essas cenas de pessoas negras passando por violências físicas?* Aqui entram em cena as imagens da violência racial midiatizada. As imagens discutidas não serão introduzidas por mim, mas por suas próprias escolhas imersas em suas memórias e experiências. Não faria sentido algum eu me preocupar com o impacto das cenas da necropsicopolítica e submeter às pessoas a tais cenas. Seria como causar uma violência para pensar a consequência da violência.

O *sentir* é um fator relevante nesta pesquisa. Aqui me aproximo de Neusa Santos Souza (2021) em sua abordagem sobre a experiência emocional das pessoas negras. O caráter estético dessa experiência, uma experiência estética vivida em uma sociedade marcada com uma classe dominante branca. As experiências estéticas das pessoas negras diante das violências raciais midiatizadas são construções históricas, atravessadas por representações carregadas de afetos determinantes das subjetividades e corporeidades negras.

Com os casos de violência racial midiatizada extraídos por meio das entrevistas, pretendo mergulhar em uma teoria iconográfica colonial por meio do que bell hooks (2019) chama de olhar opositor. Para hooks, em uma supremacia branca, a branquitude exerce um poder sobre o olhar negro, seja através da privação do olhar, seja pelo direcionamento alienado à determinadas imagens. Reconhecendo que o olhar é político, o olhar opositor atua como um desejo de olhar que visa uma resistência e uma agência ao propor um olhar crítico diante de tais imagens.

O olhar opositor busca lidar com tais imagens por meio de uma abordagem discursiva, ao investigar os efeitos e consequências de suas representações políticas e as suas relações com o poder, além das construções de práticas e subjetividades. Portanto, o olhar opositor evidencia que a violência racial midiatizada faz parte de um sistema de representação que transforma o corpo negro em um signo visual com significados específicos e que transmitem mensagens aos espectadores (HALL, 2019).

Ao mirar nas imagens de violência racial midiatizada, o olhar opositor busca percebê-las como uma construção imaginária da sociedade a partir do sentido visual. Logo, é um tipo de conhecimento social e consequentemente um objeto de conhecimento sociológico. Um corpo negro caído no chão é um momento decisivo fotográfico, carregado de um referencial interpretativo e estético. O olhar opositor busca

interpretar os sentidos atribuídos pelos espectadores no sistema de representação racial, além de captar os afetos que elas podem causar. O corpo negro caído no chão e midiatizado faz parte de um modo de produção imagética que inevitavelmente cria uma consciência visual coletiva (MARTINS, 2022).

As bases existenciais e estruturais da necropsicopolítica

Para pensar a violência racial midiatizada, faço uma triangulação entre a necropolítica e as contribuições teóricas de Muniz Sodré (2016) sobre o poder das imagens e do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2018) acerca da psicopolítica. Ao realizar um diálogo entre os autores e inserir a questão da necropolítica, parto para a reflexão do poder afetivo das violências raciais midiatizadas e para a conceituação da necropsicopolítica. Para fundamentar a construção da necropsicopolítica, pretendo a dissecá-la. Separar, recortar, aterrar o conceito mbembiano de necropolítica para a realidade brasileira costurada com as experiências compartilhadas de pessoas negras, ilustradas pelos meus dois interlocutores.

Uma cena como a do assassinato de João Freitas é possível em um país como o Brasil, caracterizada pelo economista Mário Theodoro (2022) como uma sociedade desigual estruturada pelo escravagismo e pelo racismo. A abolição da escravidão não altera as relações sociais que este modo de produção organizou. A sociedade desigual atual é entrelaçada e herdeira da sociedade escravagista.

Para Clóvis Moura (2019), do ponto de vista histórico-cultural, a sociedade brasileira teve dois momentos: a sociedade escravista até 1888 e a sociedade de capitalismo dependente. Moura (2020) divide a sociedade escravista em duas fases: a do escravismo pleno (1550-1850) e o escravismo tardio (1851-1888). A primeira fase gesta a contradição fundamental da sociedade brasileira, a luta entre os senhores e escravos. O escravismo pleno terminou com o fim do tráfico internacional de escravos através da Lei Eusébio de Queirós, o que acarretou o surgimento de uma burguesia subalterna ao capital inglês. O escravismo tardio representa uma modernização sem mudança, já que o progresso econômico não alterou as relações de produção no Brasil. A infraestrutura permaneceu intacta, promovendo um cruzamento de relações capitalistas em uma base

escravista e dependente do capital inglês e a subalternização da burguesia brasileira (MOURA, 2020).

O escravismo pleno é marcado por uma legislação repressora acompanhada de uma síndrome do medo presente na classe senhorial. Um constante medo de uma revolta de escravos fazia com que a violência contra pessoas negras fosse banal e preventiva, buscando manter a exploração total contra os escravizados. Clóvis Moura (2019) considera que esta síndrome é um sentimento sociopsicológico neurótico dos senhores, com uma finalidade específica de garantir a ordem econômica escravagista. Aqui, na pós-abolição, ainda permanece uma síndrome do medo que vigia os corpos negros, acionando a violência como uma forma de coerção. Mas hoje a técnica da coerção é midiatisada, com capacidades de disparos afetivos superiores.

As memórias factuais de Gustavo são vagas, não se recorda do nome da vítima. Mas lembra das imagens dos noticiários abordando o assassinato de mais um morador das periferias do Rio de Janeiro por portar um guarda-chuvas⁴ ou de outros casos de pessoas realizando atividades comuns quaisquer. Como faz questão de enfatizar:

[G] pessoas que estão numa atividade comum, realizando o seu dia a dia, algo que não era para ser agredida, algo que não era para ser violentado, algo que ela não precisaria estar sofrendo nada e ela é posta como se fosse um risco, simplesmente porque ela está existindo.

A midiatisação dos casos citados por Gustavo ocasiona uma transformação nos disparos contra o corpo negro. Os disparos alcançam outras dimensões, mais imagéticas, mais subjetivas, não tão corpóreas quanto a cena original, mas com capacidade de policiar o corpo de Gustavo.

[G] Me chocou muito, né, o cara tá com um guarda-chuva. Só porque na região, que já é uma região pobre, tem isso também, né. Então assim, parece que intensifica mais.

⁴ No Rio de Janeiro, na favela do Chapéu Mangueira, Rodrigo Serrano foi esperar a sua mulher e os seus filhos. Segurava um guarda-chuva e um canguru (suporte para carregar criança). A PMRJ viu um fuzil e um colete à prova de balas e disparou 3 tiros, “neutralizando a ameaça”.

(...) *Eu senti, assim, que eu estou em perigo, simplesmente por estar realizando qualquer atividade. Eu me senti assim, cara, eu... é isso. Eu estou andando na rua, sei lá, se um dia eu estiver segurando um guarda-chuva, por eu morar num bairro que talvez, né, que é o Pioneiros, não é assim, centro, não, é bairro, posso, sei lá, o cara passar e achar que eu estou carregando uma arma, não sei, dependendo do horário que eu estou andando. Estou voltando, sei lá, de madrugada, de qualquer coisa, por qualquer motivo, andando, caminhando pela rua, e eu posso ser, sei lá, abordado, eu posso levar uma surra, posso levar um tiro, que é muito pior, por simplesmente estar realizando uma atividade diária, que é caminhando, não importa o horário que eu estou fazendo isso. Então, eu sinto vulnerável por parecer que, em certas situações, eu tenho que ter um controle maior do que eu estou fazendo, pra não parecer que eu estou fazendo, né, aquela coisa, né, vou no mercado, mas não vou levar uma mochila que o pessoal pode achar que eu estou guardando algo na mochila, sabe assim, esse tipo de coisa que, implicitamente, você cresce fazendo, sendo que parece que outras pessoas não precisam fazer.*

Como escravas, as pessoas negras eram de fato mercadoria durante o modo de produção escravista. Como uma mercadoria, as pessoas negras eram socialmente coisificadas e um outrem, o senhor, tinha a posse absoluta sobre o seu corpo como uma propriedade. A alienação total de si e do corpo acarretava uma banalização da violência por meio de castigos sem a necessidade de uma norma do direito (MOURA, 2020). Ser um escravo é ser *estruturalmente alienado*, não ter a posse sobre o seu próprio ser e sobre o seu corpo. Como uma mercadoria, o escravo passa por uma alienação total ao ser uma propriedade de um terceiro (MOURA, 2019).

A preocupação de Gustavo sobre sua segurança corporal demonstra que a coisificação das pessoas negras se manifesta não apenas como dados quantitativos sobre violência policial e a morte violenta das pessoas negras, mas como uma experiência vivida. Essas abstrações, como ser uma coisa de outrem, alienação total de si, se materializa na possibilidade de violência cotidiana e na preocupação de Gustavo de ser considerado alguém perigoso devido a sua simples existência. A paranoia contra corpos negros permanece de tal forma que ainda possui a capacidade de terceirizar para as

próprias pessoas negras o controle sobre o seu corpo, como Gustava demonstra sua preocupação em se controlar para não aparecer ameaçador.

Ao nos atentarmos à alienação e à marginalização econômica no pós-abolição que foram experimentadas pela população negra, torna-se mais evidente o peso do racismo estrutural na sociedade de capitalismo dependente na perspectiva moureana, ou a sociedade desigual na perspectiva de Mário Theodoro. A sociedade brasileira contemporânea se sustenta a partir de uma discriminação sistêmica contra pessoas negras e por meio do concedimento de privilégios racializados à branquitude. A sociedade desigual tem sua estrutura social e suas diversas relações sociais moldadas pelo racismo e consequentemente, alimenta uma supremacia branca onde a branquitude executa sua hegemonia através da violência e de arranjos ideológicos (ALMEIDA, 2019).

Entre outros pontos destacados por Mário Theodoro (2022), foco em duas características da sociedade desigual cimentadas pelo racismo estrutural e pela alienação estrutural das pessoas negras. A sociedade desigual possui uma estratificação extrema em detrimento das pessoas negras como um grupo racialmente discriminado com a existência de um mecanismo jurídico-institucional repressivo antinegro.

A desigualdade extrema e a existência de privilégios econômicos para o grupo racial dominante evidenciam-se quando olhamos para o mercado de trabalho brasileiro. No infográfico *A inserção da população negra no mercado de trabalho* (2022), organizado pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) através dos dados extraídos do 2º trimestre de 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, a assimetria racial entre negros (pretos e pardos) e não negros (brancos, amarelos e indígenas) no mercado de trabalho fica explícita.

Segundo os dados do Dieese (2022), o Brasil possui 98,2 milhões de ocupados. Deste universo, 47,1% ocupados em trabalhos desprotegidos são pessoas negras, contra 34,7% de pessoas não negras. Sobre o rendimento mensal de pessoas negras, as mulheres negras possuem um rendimento de R\$ 1.715,00 e os homens negros de R\$ 2.142,00 enquanto as mulheres não negras possuem um rendimento de R\$ 2.774,00 e os homens não negros de R\$ 3.708,00.

As evidências confirmam a afirmação de Silvio Almeida sobre a forma como o racismo normaliza a superexploração do trabalho negro e do privilégio econômico para

o grupo racial dominante branco, já que as maiores taxas de trabalho desprotegidos (precarizados) estão entre as pessoas negras, da mesma forma que o maior rendimento mensal está para as pessoas não negras, especialmente os homens. Pensando de forma interseccional, vemos que a situação da mulher negra se agrava com a junção do racismo e do patriarcado, resultando em seu menor rendimento mensal se comparado aos outros subgrupos.

Já o mecanismo jurídico-institucional repressivo se manifesta na necropolítica. Para Achille Mbembe (2017) o racismo é o motor da necropolítica, a política do Estado que manifesta sua soberania na capacidade de matar. No campo da necropolítica, o Estado de exceção não é a suspensão temporal do Estado de direito, já que a política de morte é tida como normal e permanente. A soberania do Estado se fundamenta justamente a partir da violência letal contra pessoas negras.

A necropolítica se manifesta no Brasil por meio da violência policial contra pessoas negras. Segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022* organizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), 43.171 pessoas foram mortas por policiais civis ou militares no Brasil desde 2013. De todas as mortes violentas intencionais (MVI), as ações policiais são responsáveis por 12,9% delas. Deste universo de pessoas assassinadas pela polícia, 99,2% das vítimas eram do sexo masculino e 74% tinham no máximo até 29 anos. Considerando o universo de pessoas assassinadas pela polícia que tiveram sua cor / raça identificada, 84,1% eram pessoas negras, 15,8 % eram pessoas brancas e 0,1% eram pessoas amarelas e indígenas. Além disso, entre 2020-2021, a taxa de mortalidade causada pela polícia caiu 30,9% entre pessoas brancas e subiu 5,8% entre as pessoas negras. Os dados demonstram que a polícia genocida a população negra, especialmente os jovens negros.

A sociedade desigual apresenta uma particularidade quando pensamos no conceito de necropolítica. Mbembe considera que o monopólio da violência do Estado se dissolve no que ele define como a sociedade de inimizade, momento particular do neoliberalismo onde ocorre a redistribuição desigual dos meios de terror. No entanto, para se pensar a necropolítica no Brasil, devemos particularizar nosso olhar para a nossa sociedade desigual.

No Brasil, a violência é um mecanismo de expressão e consolidação da sociedade desigual. Sua função social consiste em consolidar a sua desigualdade racial estrutural e escravagista. A diferença da noção de necropolítica de Mbembe é que na sociedade desigual, a redistribuição do terror não espera pelo contexto do neoliberalismo. Por aqui, a ordem social é determinada pela força tanto nas relações públicas do Estado, como a letalidade policial e o encarceramento em massa, como nas relações privadas que partem de violências antinegras de indivíduos, ambas oriundas do período escravagista (THEODORO, 2022).

Quando observamos a taxa de homicídios no Brasil, percebemos como a violência letal ocorre nas relações privadas no país. Segundo o *Atlas da Violência 2021* (CERQUEIRA, 2021) houve um aumento de mortes violentas por causas indeterminada (MCVI) entre os anos de 2018 e 2019, totalizando um aumento de 47,3% do número de pessoas negras (pretas e pardas) mortas violentamente sem causa determinada. Pensando em casos de feminicídio, a carne mais barata novamente é a negra. Em 2019, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras. A situação é de um terror interseccional entre raça e gênero ao ponto de que em Alagoas, todas as vítimas de homicídios eram negras, exceto uma vítima sem identificação de cor / raça, totalizando o assustador número de 100% dos casos. No estado de Mato Grosso do Sul, estado de onde falo e onde faço as entrevistas, 58% das mulheres assassinadas eram negras. A desigualdade racial na questão de gênero se torna latente ao percebermos que durante o período entre 2009 e 2019, houve aumento de 2% de mulheres negras assassinadas, enquanto o número de mulheres não negras assassinadas teve uma queda de 26,9%.

No geral, no ano de 2019, as pessoas negras (pretas e pardas) foram 77% das vítimas de homicídios. O estado de Alagoas se destaca negativamente, já que dos 99% dos assassinados eram pessoas negras. No Mato Grosso do Sul esse número cai para 63% das pessoas assassinadas. Analisando as vítimas de violência categorizadas por orientação sexual, 55% das vítimas eram negras entre as pessoas homossexuais e 54% entre as pessoas bissexuais. Já na violência letal contra pessoas trans, 58% eram pessoas negras entre travestis e mulheres trans e 60% eram pessoas negras entre os homens trans (CERQUEIRA, 2021).

Eu poderia dizer que uma mão lava a outra, mas a situação exige outra expressão. Uma mão suja de sangue suja a outra. O próprio genocídio da população negra causado pelo Estado consolida uma ordem jurídica ilícita e informal que resulta em um tratamento violento do povo negro pelos membros da sociedade desigual (THEODORO, 2022). A banalidade da violência letal contra pessoas negras remete à relação entre senhores e escravizados, demonstrando que as pessoas negras ainda encaram a alienação estrutural experimentada por aqueles que foram reduzidos a mercadorias. O exercício da violência antinegra no Brasil é terceirizado bem antes do neoliberalismo, já que ele é constitutivo da sociedade desigual, gestada a partir da sociedade escravista.

Necropsicopolítica: as estratégias sensíveis da sociedade desigual

Parto das ideias de Muniz Sodré (2016) expostas em seu livro *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Sodré define as estratégias sensíveis como uma vinculação de atos discursivos à localização e afetação de sujeitos. A corporeidade da experiência condiciona tal estratégia como sensível, o sentido é vivido e não meramente interpretado. É um falar, uma construção de um discurso que leva a uma experiência corporal.

Sodré ainda afirma que atualmente as imagens exercem um poder inédito sobre os corpos, funcionando como uma administração do afeto coletivo. O processo de midiatização das imagens cria o que ele denomina de bios virtual, uma esfera existencial virtualizada da vida social fundamentada na imagem. Considerando nossa atualidade como uma época estética, o autor considera que se opera um poder no campo do sentir, como um poder estético. As imagens não apenas representam, não são atividades meramente subjetivas de construção e apreensão de significados, mas também são formas de pulsão de afetos sobre o corpo. Na bios virtual temos de um lado o afeto como uma energia psíquica que causa uma tensão no corpo, como uma ação na sensibilidade oriunda de uma causa externa e com a capacidade de gerar uma perturbação da consciência. Do outro lado temos a mídia como uma produção de uma realidade espetacularizada que gera excitação e gozo dos sentidos.

A psicopolítica de Han possui interessantes semelhanças com o bios virtual de Sodré. Para Han, o neoliberalismo se preocupa mais com a alma do que com o corpo e por isso opera uma forma de governo que se sustenta na psicopolítica. A biopolítica e o seu foco no corpo é considerada obsoleta por Han, típico de um capitalismo disciplinar que mira em uma política de corpos. O que considero um equívoco do autor ou ao menos uma inadequação dessa perspectiva sobre a relação neoliberalismo e alma / corpo para o contexto brasileiro, tendo em vista que os dados anteriormente citados não nos deixam negligenciar o peso que cai sobre os corpos negros no Brasil. Mas podemos aproveitar a concepção de Han que considera que o neoliberalismo possui um poder estético, cuja psicopolítica bombardeia a psique através de psicotecnologias, como é o caso da mídia (HAN, 2018).

O meio digital é palco de meios de afetos, que projetam descargas imediatas em nossas psiques. Além disso, a emoção é algo performativo, ela possui uma capacidade de manifestar ações, já que são as bases energéticas sensíveis da ação. Han considera que a emoção tem um caráter pré-reflexivo, semiconsciente e corporalmente impulsivo. Portanto, podemos conceber a psicopolítica neoliberal como uma estratégia sensível sobre nossas emoções, que possui uma influência direta em nossas ações em um nível pré-reflexivo.

É aqui que entra em cena a necropsicopolítica. Este conceito é a soma da necropolítica de Achille Mbembe com a psicopolítica de Byung-Chul Han . A necropolítica consiste no poder soberano sobre a produção da morte, é o exercício da mortalidade manifesto em um direito de matar. Já a psicopolítica é o poder estético realizado por psicotecnologias (mídias) que descarregam afetos diretamente na psique. O que proponho com o conceito de necropsicopolítica é a triangulação conceitual e estrutural entre a necropolítica, a psicopolítica e as experiências das pessoas negras afetadas por essas imagens, experiências marcadas pelo trauma como um impacto em suas corporeidades.

A necropolítica está presente na própria realidade estrutural do genocídio negro no Brasil, muito bem explícito no *Atlas da Violência 2021*. Algumas destas violências são filmadas e se espalham por meio das mídias. São imagens de pessoas negras sendo violentadas que geram afetos. Desconsiderar isso é negligenciar o poder

estético de cenas construídas em um contexto necropolítico. A psicopolítica complementa a necropolítica na constatação de que tais imagens geram afetos em pessoas negras que se reconhecem no corpo violentado. A necropsicopolítica consiste na violência material contra um corpo negro que é midiatizado e gera afetos em outras pessoas negras, exercendo uma violência estética em quem assiste. Seu poder está no fato de que o espectador reencena aquela violência e é posto no lugar do corpo originalmente violado, gerando afetos a partir de uma agressão material. Podemos perceber a capacidade traumática da necropsicopolítica no relato de Daniele diante das cenas do assassinato de George Floyd⁵ e de Genivaldo⁶:

[D] *E é muito doloroso (...) A gente vai se sentido quebrado por dentro. Igual eu tinha te dito né, são os pedacinhos que a gente vai deixando. Porque parece que a gente nunca vai tá completo, a gente sente que a gente nunca vai tá seguro, sempre vai ter alguém ou vai ter alguma situação que a gente vai tá exposto em qualquer tipo de lugar, seja numa loja que a gente sofre algum tipo de racismo, ou seja na rua que alguém que olha torto e você já sente um medo ali do que de pode acontecer com você. Enfim, eu me vejo bastante assim. Eu me policio muito em todos os lugares pra não fazer nada que deixe alguém desconfiado, por exemplo, quando eu entro em algum lugar novo e alguém não me conhece, ou em situações desse tipo pra não sofrer nenhuma violência, quase um mecanismo de defesa. A gente meio que cria um escudo próprio para visitar certos lugares, pra que a gente não seja atingido talvez de uma forma tão violenta, ou de uma forma emocional, pra que a gente não seja tão derrubado, né? Porque ainda que a gente não sofra violência física, mas olhares, ou pequenos comentários assim que parecem que não são nada, atingem a gente de várias formas. Eu lembro do George Floyd. Acho que foi no mesmo dia que a gente conseguiu ter acesso às imagens. E foi assim.... dilacerante, sabe? É como se fosse um sufocamento assim, é como se eu tivesse ali naquele momento. E*

⁵ Na cidade de Minneapolis, George Floyd foi sufocado por um policial branco (Derek Chauvin) por nove minutos com um joelho em seu pescoço. As cenas se midiatizaram e levaram a protestos em várias cidades do mundo por meio das chamadas do *Black Lives Matter*.

⁶ Como um holocausto particular, Genivaldo de Jesus foi posto em um camburão da Polícia Rodoviária Federal após ser parado em uma blitz e asfixiado com gás lacrimogênicos, morrendo de “insuficiência aguda secundária e asfixia”. O caso ocorreu em Umbaúba, no Sergipe.

tivesse presa ali, tivesse de mãos atadas. (...) E assim, foi algo de dar vontade de chorar assim, nó na garganta, enfim. Foi muito doloroso, porque a gente não imagina que algo assim possa ser feito e ninguém ir lá pra ajudar. Então a gente se sente de mãos atadas e com medo o tempo todo.

Ao ser atravessada pelas imagens dos assassinatos de George Floyd e do Genivaldo, Daniele relata uma recepção visual totalmente corporal. Ela sente uma dor, sente seu corpo deixando pedacinhos pelo caminho, se quebrando com aquelas cenas, perde o ar internalizando corporalmente o massacre apresentado diante de seus olhos. O corpo de Daniele se dilacera sob o peso do olhar branco. Frantz Fanon (2020) diz que a construção dos corpos negros é realizada por meio de um conhecimento corporal negacional e em terceira pessoa, uma pessoa branca. O olhar branco constrói o corpo negro através de um esquema histórico-racial e não necessariamente pelo reconhecimento de suas próprias sensações. O corpo negro é construído na bios virtual da sociedade desigual. O que significa para Daniele ter seu corpo construído nessa bios virtual hegemonizada pelo olhar branco? Fanon responde: “O que mais seria isso pra mim, senão um deslocamento, uma extração, uma hemorragia que fazia sangue negro coagular por todo o meu corpo (FANON, 2020, p. 128)?”

A necropsicopolítica é uma estratégia material e sensível de perpetuação da sociedade desigual. Ela ocorre em um contexto de genocídio da população negra que disponibiliza o corpo negro para sofrer a necropolítica, a partir do momento em que essa cena é filmada e jogada nas diferentes mídias, reelabora uma cena capaz de disparar afetos a sujeitos que se identificam com aquele corpo negro e compartilham psicopoliticamente uma relação entre imagem, agressão e corporeidade. O conceito levantado aqui se sustenta na premissa de que, ao assistir uma cena banalizada de um corpo negro violentado, a pessoa negra espectadora também é violentada, já que a cena não se configura apenas como uma imagem distante, sem reconhecimento e possibilidades, mas como uma experiência corporalizada devido à identificação com o corpo negro caído no chão e com a possibilidade de um dia participar daquela cena. Para que esta estratégia sensível seja bem sucedida, ela se utiliza de seu exibicionismo sádico exacerbado, como comenta Gustavo:

[G] O segundo, sempre que me choca, é o excesso de violência que parece serposta em pessoas negras. É o segundo caso que eu sempre fico muito chocado. É para você dizer, ah, tá bem, tudo bem, uma pessoa negra cometeu um ato infracionário. Ok, cometeu um ato infracionário, mas a forma como é abordado, a forma como é a ação sobre ele, sempre parece muito mais penosa, sempre mais brutal, sempre parece que um desconto de uma raiva que eu fico me perguntando se essa raiva realmente é pela situação da transgressão que ele cometeu, ou se é realmente algo que está dentro daquele sujeito, do policial ou de quem está ali contendo ele. Essas duas coisas sempre me chocam, sempre eu fico nesse contexto do cidadão comum, que não realizou nenhuma atividade, e do sujeito que quando realmente transgrediu, por n motivos que ele fez isso, não sei qual a transgressão, mas a forma como atua sobre ele. Essas são as duas situações que eu sempre fico pensando. O que levou, a que ponto que chegou para que realmente isso acontecesse?

[M] Então você percebe que tanto para o sujeito comum, então por esse sujeito que transgrediu alguma lei, existe uma violência que no final de contas é a mesma?

[G] Exato! Que parece que é forçado, né? Eu não sei, parece que assim... tem o ato de ser realizada a ação, vamos supor que eu entenda, mas parece que no realizar essa ação, parece que vem uma raiva interna, um sentimento de raiva mesmo, eu imagino que seja isso. Uma raiva que parece que é de uma outra forma, puni-lo por qualquer ação, ou como se ele fosse bandido por ele ser negro. Aquela imagem que a gente geralmente parece que toda ação que o pessoal tem, né? Parece que a pessoa é negra, automaticamente muitos já acham que não... ele é um criminoso em potencial, como se a pessoa se negra classificasse ela como um criminoso potencialmente ativo. Eu sempre fico pensando, né? O que leva, os caminhos que levaram na pessoa, na sociedade a ter isso internamente. Não sou estudioso da parte, mas eu sempre fico me perguntando que todos esses caminhos que a sociedade levou ou levaram pra chegar nesse ponto. Sempre me dá uma certa angústia por ver esse tipo de comportamento. Porque pra mim parece uma raiva exacerbada de algo que não tem sentido. Eu não consigo ver que não seja algo, porque eu não consigo entender de fato como é que um sujeito tá carregando um guarda-chuva e ele merece ser baleado porque achei que fosse um fuzil. Não é assim, gente, um fuzil é um fuzil, um guarda-chuva é um guarda-chuva.

Tanto Daniele quanto Gustavo apresentaram em seus relatos o medo de sofrer uma violência gratuita. Ambos falam sobre como precisam se policiar diante dos olhares brancos para evitar uma agressão contra os seus corpos. Gustavo especifica que a existência negra é um risco ao branco. Se policiar é ter noção da síndrome do medo branco presente na sociedade desigual e das possibilidades de violação de seus corpos.

Se policiar diante do olhar branco é reconhecer, mesmo que de forma inconsciente, a síndrome do medo branco como uma norma psico-sócio-somática imposta pela classe dominante branca. O ato de se policiar é um ato violento, pois estabelece uma relação persecutória entre o sujeito negro e o seu corpo (COSTA, 2021). A bios virtual da sociedade desigual reencena a representação social do corpo negro como um signo do perigo. A representação social do corpo negro é paralela a posição estrutural que ele ocupa na sociedade desigual. A função colocada sobre o corpo é ideológica e para a experiência negra na sociedade desigual, possuir tal corpo significa sofrer do próprio corpo. A necropolítica presente na sociedade desigual faz com que a aparência do corpo negro não garanta a integridade física de seu portador (NOGUEIRA, 2021).

Para a sociedade desigual, o corpo negro desperta afetos fobígenos e ansiógenos. Estamos diante do que Fanon chamou de negrofobiogênese. A branquitude brasileira nutre uma fobia, um medo ansioso diante do corpo negro, diante da crença irracional de que dotamos de más intenções e de forças maléficas inerentes aos nossos corpos (FANON, 2020). Por isso, como afirma Gustavo, nossa simples existência já é considerada um fator de risco.

A representação e a função social do corpo e a sua posição na estrutura da sociedade desigual é tocada por Gustavo quando ele comenta sobre as “pessoas comuns”, ou seja, as pessoas negras não envolvidas em atividades ilícitas que sofrem uma força punitiva do Estado, mesmo não apresentando um perigo real. Mesmo sendo corpos inofensivos, Gustavo enfatiza a raiva direcionada a esses corpos negros. Para pensar tanto a agressão quanto a raiva, podemos exercer um diálogo entre Clóvis Moura e Frantz Fanon. Na sociedade de capitalismo dependente que marginalizou as pessoas negras, foi construída uma representação social das pessoas negras como o signo do que

Moura (2020) chamou de mau cidadão, um fator de perturbação da sociedade, que carrega o fardo da representação do criminoso, do favelado, do pobre lascado, do mendigo, do macumbeiro ou do ingrato que problematiza o racismo nessa terra sem mal de democracia racial. A população negra do pós-abolição é criminalizada paralelamente à sua marginalização econômica.

Carregando o fardo do mau cidadão, o corpo negro é o objeto da catarse coletiva da sociedade desigual. Fanon (2020) considera que tal catarse opera como um canal de saída para as energias acumuladas para a liberação de agressividades, operando como uma descompensação desta agressividade coletiva acumulada. A raiva que chama a atenção de Gustavo é justamente a exibição desta catarse coletiva contra o corpo daquele considerado mau cidadão.

Um fuzil é um fuzil, um guarda-chuva é um guarda-chuva, a não ser que o corpo negro que porta tal guarda-chuva seja eclipsado e diante dos olhos brancos ou embranquecidos, se transforme em fuzil, em uma ameaça. Como Gustavo enfatiza, a questão da violência policial em bairros periféricos existe. A periferia faz parte do mundo colonial comentado por Fanon (2022). O mundo colonial dividido em dois, da cidade de pé do colono e da cidade de joelhos do colonizado, dos brancos de boa fama e dos negros de má fama onde se morre em qualquer lugar e de qualquer coisa. O colono tem voz neste regime de opressão, suas cordas vocais são as forças punitivas do Estado, linha divisória deste mundo. A linguagem colonial é da violência que sustenta o mundo colonial ou a sociedade desigual, nomeie da forma que você preferir. O mundo colonial é um mundo maniqueísta, o colonizado / negro / periférico é o mal absoluto. Aqui o guarda-chuva não é guarda-chuva, é um fuzil.

Quando tais violências são midiatizadas, elas tomam outro alcance, pois representam um corpo violado justamente pelo fato de ser negro. Esta violação consegue se transferida para o espectador negro, que conscientemente ou não, reconhece a corporeidade negra como um ponto principal daquela violência. Tais imagens operam como uma psicopolítica racista, conseguindo transcender as pessoas violadas para além do corpo inicialmente vitimado, mas ainda assim, o corpo está sempre lá, mesmo que seja o corpo base da violência, ou o corpo representado como o violado. É justamente essa união entre a violência racial e a sua midiatização que possibilita esboçar sobre a

necropsicopolítica. Corpos negros são formados a partir da violência, seja ela material ou simbólica. A necropsicopolítica é a forma de violência produtiva sobre o corpo negro que une o ato em si e a sua representação descarregada em nossas mentes.

Considerações finais

A condição inicial da meditação acerca da necropsicopolítica é a consideração inescapável da minha experiência como uma pessoa negra diante de tais imagens violentas. Este conceito é fruto do meu posicionamento como um sujeito sociológico negro através do uso dos conceitos guerreirianos de redução sociológica e *niger sum*. A necropsicopolítica existe por meio da reflexão crítica de um conhecimento sociológico a partir das experiências racializadas de uma pessoa negra.

A necropsicolítica faz parte do meu objeto de investigação no doutorado no Programa de Ciências Sociais (UNESP / FFC). A pesquisa ainda está em desenvolvimento, por isso, ela carece de um aprofundamento que deve ser sanado em outras publicações e por meio do diálogo com as experiências de outras pessoas entrevistadas . No entanto, por meio das entrevistas expostas aqui, a necropsicopolítica tem se mostrado como uma experiência negra compartilhada.

Com a aplicação da sociologia visual e a reflexão acerca das imagens, as entrevistas em profundidade forneceram dados com experiências negras vividas e visualizadas. Ao encarar as cenas de violência racial midiatizada, não fui pego de surpresa e desprevenido como no caso do assassinato de João Alberto. Pelo contrário, vislumbrei tais imagens e as experiências visualizadas por meio do olhar opositor de bell hooks, realizando um olhar crítico diante de tais imagens, buscando entender seus impactos em nossas experiências.

Sobre as imagens em si, constatamos que elas fazem parte da bios virtual da sociedade desigual, como sua estratégia sensível, através da administração coletiva de afetos que se originam a partir da necropolítica contra pessoas negras. O sucesso desta bios virutal se encontra no fato de sua capacidade transcendente quando se alia com a necropolítica, exercendo uma violência simbólica e corporal para além do corpo negro material abatido. A violência repressora que assegura a manutenção da sociedade

desigual consegue expandir seus sujeitos afetados, envolvendo tanto o corpo material vitimado quanto os espectadores negros que assistem tal cena e imaginam o seu corpo naquele lugar de violência.

Com a política estrutural da produção da morte de pessoas negras e com o poder afetivo da midiatização de tais violências, notamos que as entrevistas relatam uma experiência visual e corporal de agressão. Tal experiência é possível em uma sociedade que alimenta uma síndrome do medo contra corpos negros e que os enxerga ainda como uma mercadoria, como pessoas estruturalmente alienadas sujeitas à uma violência banal oriundas do Estado e dos sujeitos civis.

A necropsicopolítica é como um tronco virtual. Neste tronco virtual se massacra o corpo negro de forma exibicionista, se educa, se mostra como tratar um corpo negro, reafirma a negrofobogênese. As pessoas negras que são atravessadas por tal tronco são obrigadas a “reconhecer o seu lugar”, se vendo como passíveis de uma violência gratuita caso qualquer ação sua possa parecer minimamente uma ameaça. Uma tarefa inútil, já que a nossa simples existência já é um fator de risco à sociedade desigual. Dessa forma, o Brasil utiliza de tais imagens para manter as coisas como estão, consolidar o maniqueísmo e a estrutura do mundo colonial e fazer da violência algo comum, atmosférico e produtivo. Atmosférico, pois um guarda-chuva é um fuzil na sociedade desigual.

Referências:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Jurandir Freire. Dar cor ao corpo: a violência do racismo. In: **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa:** Uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. São Paulo: n-1 edições, 2021.

DIEESE. **A inserção da população negra no mercado de trabalho.** São Paulo: DIEESE, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança 2022.** São Paulo: FBSP, 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Apicuri, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica:** o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018

HOOKS, bell. **Olhares negros:** raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem.** São Paulo: Contexto, 2022.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade.** Lisboa: Antígona, 2017.

MINAYO, M.C.S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, C.S.M (org.); DESLANDES, S.F; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2019, pp. 56 - 71.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro.** São Paulo: Perspectiva, 2019.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente:** significações do corpo negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RAMOS, Guerreiro. **A redução sociológica.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Rio de Janeiro; Mauad X, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual:** racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de M; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2006, pp. 247 - 266.